

Docência e literatura surda digital: aspectos técnicos, culturais e educacionais de narrativas em Libras

RESUMO

Fabiano Souto Rosa
fabisouto1@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-8114-377X>
Universidade Federal de Pelotas
(UFPEL), Pelotas, Rio Grande do Sul,
Brasil.

Francielle Cantarelli Martins
franciellecantarellim@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0005-8144-8628>
Universidade Federal de Pelotas
(UFPEL), Pelotas, Rio Grande do Sul,
Brasil.

Antonielle Cantarelli Martins
an.cantarellim@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-3057-9386>
Universidade Federal de Pelotas
(UFPEL), Pelotas, Rio Grande do Sul,
Brasil.

Este artigo analisa as percepções de docentes surdos sobre livros digitais em Libras, com ênfase nas dimensões culturais e técnicas que conferem significado à Literatura Surda no contexto escolar. A pesquisa baseia-se em entrevistas com seis docentes surdos de três regiões do Rio Grande do Sul, que assistiram a seis narrativas digitais em Libras — incluindo traduções, adaptações culturais e criações originais — e comentaram aspectos como marcas identitárias, adequação etária, velocidade e clareza da sinalização, uso de classificadores, legendagem e potencial pedagógico. As análises revelam: (a) a necessidade de ajustar o nível de sinalização e empregar estratégias visuais específicas para o público infantil; (b) a preferência por legendas em português como recurso ativável, evitando sobrecarga visual; (c) a valorização de autorias surdas e a distinção entre tradução, adaptação e criação em Libras; (d) a contribuição dos livros digitais para a constituição identitária e a ampliação lexical de estudantes; e (e) a recomendação de validação pedagógica prévia, visando adequação de nível e qualidade. Conclui-se que há urgência em ampliar a produção de narrativas digitais que articulem protagonismo surdo, rigor técnico e abordagens positivas e contemporâneas da experiência surda, promovendo, assim, uma literatura visual acessível, representativa e pedagogicamente eficaz.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Surda. Libras. Livros digitais. Estudos Surdos. Educação bilíngue.

INTRODUÇÃO

Literatura Surda, enquanto manifestação cultural e artística produzida em Língua de Sinais, constitui um pilar fundamental para a valorização da identidade, da história e das experiências de pessoas surdas. Inserida no campo dos Estudos Surdos, ela se caracteriza por narrativas visuais que expressam modos próprios de ver, sentir e interpretar o mundo, fortalecendo o senso de pertencimento e a transmissão de saberes entre gerações. Com o avanço das tecnologias digitais e a ampliação do acesso a dispositivos de gravação e edição de vídeo, a produção literária em Língua Brasileira de Sinais (Libras) expandiu-se para o formato digital, possibilitando novas estratégias de criação, registro e difusão de obras, tanto no contexto escolar quanto na comunidade.

A modalidade digital em Libras potencializa a experiência visual e amplia o alcance das narrativas, mas também impõe desafios. A elaboração de livros digitais em Libras exige escolhas técnicas e estéticas cuidadosas, que envolvem desde o enquadramento e a iluminação até a clareza da sinalização, o uso de classificadores, a inserção (ou não) de legendas e a adequação da duração e do ritmo narrativo ao público-alvo. Tais decisões precisam dialogar com marcadores culturais próprios da comunidade surda, respeitando a diversidade de faixas etárias e finalidades pedagógicas.

Nesse contexto, compreender como docentes surdos percebem e avaliam essas produções é fundamental para aprimorar práticas de criação e circulação de livros digitais em Libras. Assim, este estudo busca responder à seguinte questão: o que docentes sinalizam sobre livros digitais em Libras quanto às marcas culturais, aos aspectos técnicos e aos usos educativos?

REFERENCIAL TEÓRICO

A presente discussão ancora-se nos campos dos Estudos Culturais e dos Estudos Surdos, compreendendo a Literatura Surda não apenas como um conjunto de obras em Língua de Sinais, mas como uma prática cultural, política e estética que reafirma a experiência visual e os valores socioculturais da comunidade surda. Tal concepção rompe com visões meramente instrumentais ou assistencialistas da produção literária, reconhecendo-a como espaço de resistência, construção identitária e circulação de saberes.

Segundo Strobel (2009), a Literatura Surda é um patrimônio cultural das comunidades surdas, transmitido majoritariamente por meio da língua de sinais e caracterizado por narrativas visuais que incorporam elementos próprios da experiência surda, como classificadores, uso expressivo de expressões faciais e a

espacialidade do discurso. Essas produções cumprem papel semelhante ao da literatura oral nas culturas ouvintes, funcionando como veículo de memória, ensino e coesão comunitária.

No contexto da Libras, Quadros e Karnopp (2004) ressaltam que as características estruturais dessa língua influenciam diretamente as estratégias narrativas. A organização espacial, a simultaneidade de informações e o uso de recursos não manuais conferem à narrativa sinalizada um ritmo, uma estética e uma construção de sentido específicos, que não podem ser simplesmente transpostos de forma literal do português escrito. Nesse sentido, a noção de tradução cultural (Mourão, 2020) torna-se central: trata-se de um processo de transposição de narrativas escritas para a Libras que não se limita à equivalência linguística, mas que envolve adaptação de personagens, ambientes, referências culturais e estratégias visuais, de forma a garantir que o conteúdo seja não apenas compreendido, mas também reconhecido como pertencente ao repertório cultural surdo.

Para além da tradução, há a adaptação cultural, entendida como o processo de reconfiguração mais ampla da obra de origem, modificando elementos para aproximá-los da realidade e das experiências da comunidade surda. Essas adaptações são um exercício de agência cultural, pois deslocam narrativas do eixo normativo ouvinte para um enquadramento que privilegia a perspectiva surda.

Por fim, a criação original em Libras, conforme defendem Sutton-Spence (2021) e Ladd (2003), representa o ápice do protagonismo surdo na produção cultural. Nessas obras, a narrativa nasce diretamente em língua de sinais, dispensando mediações linguísticas e culturais impostas por uma obra-fonte escrita. Isso favorece a autenticidade estética e a presença de “marcas surdas” mais densas, como também aponta Perlin (1998) ao falar da centralidade da experiência surda na criação artística.

Esses três processos — tradução cultural, adaptação cultural e criação original — não são mutuamente excludentes, mas apresentam impactos distintos no engajamento, na identificação cultural e na recepção pedagógica das obras. Em produções digitais, tais impactos são ainda mais visíveis, pois a forma final combina elementos técnicos (qualidade de imagem, enquadramento, iluminação, montagem) com escolhas narrativas e culturais.

É nesse ponto que se torna imprescindível considerar o impacto das tecnologias digitais na disseminação e valorização da Literatura Surda. O avanço tecnológico tem remodelado significativamente os modos de produção, circulação e fruição das obras literárias, inclusive aquelas produzidas em Língua de Sinais. As plataformas digitais e os ambientes virtuais favorecem a integração de recursos multimodais — imagem, movimento, som e texto — que potencializam a visualidade e a performatividade, dimensões essenciais da literatura sinalizada (Sutton-Spence; 2021; Coscarelli, 2007; Silva; Rocha, 2024).

Além de favorecer a criação estética, as tecnologias digitais ampliam a autoria surda e a democratização do acesso, rompendo com os limites impostos pela tradição grafocêntrica da literatura escrita (Ramos, 2020). A possibilidade de gravação, edição e compartilhamento de vídeos em plataformas acessíveis impulsiona a constituição de acervos digitais e repositórios que valorizam a memória coletiva da comunidade surda. Essa ampliação também reforça os letramentos visuais e proporciona experiências de leitura e ensino mais inclusivas e situadas (Karnopp, 2008; Mourão, 2020).

No entanto, como destaca Jenkins (2009), a apropriação crítica das tecnologias exige mais do que infraestrutura: demanda a participação ativa dos sujeitos surdos em decisões estéticas e técnicas que afetam diretamente a produção cultural. Isso significa não apenas criar em Libras, mas garantir que a autoria surda seja reconhecida e legitimada como central no processo de criação.

Nesse sentido, algumas categorias emergentes das análises apontam para desafios e recomendações centrais na produção de literatura digital em Libras.

Primeiramente, observa-se a necessidade de ajustes no nível de sinalização e nas estratégias visuais empregadas, especialmente quando o público-alvo é infantil. Isso envolve desde a escolha lexical até a velocidade da sinalização, que deve estar adequada ao nível de proficiência e ao desenvolvimento cognitivo das crianças surdas (Karnopp, 2008).

Outra dimensão importante diz respeito ao uso de legendas em português: elas são consideradas um recurso relevante para leitores ouvintes ou bilíngues, mas, quando fixas na tela, podem comprometer a fluidez visual da narrativa em Libras. Por isso, sugere-se que sejam ativáveis opcionalmente, respeitando o foco na língua de sinais como código principal da obra.

Adicionalmente, ganha destaque a valorização das autorias surdas e o reconhecimento das diferenças semânticas e culturais entre tradução, adaptação e criação. A centralidade da autoria surda não é apenas simbólica, mas epistemológica, pois impacta diretamente na representação dos valores e experiências da comunidade (Ladd, 2003; Strobel, 2009).

Em termos pedagógicos, os livros digitais em Libras são reconhecidos como instrumentos potentes para ampliar o vocabulário e favorecer a construção identitária de crianças surdas, especialmente quando abordam temas contemporâneos e experiências positivas da surdez. Esses produtos revelam-se fundamentais na constituição identitária e subjetiva das crianças (Karnopp; Branco; Pokorski, 2022). Contudo, para que desempenhem esse papel de maneira eficaz, é recomendada uma avaliação pedagógica prévia, que considere adequação linguística, clareza narrativa e acessibilidade técnica.

Diante disso, evidencia-se a urgência de ampliar as produções digitais sinalizadas que aliem rigor técnico, estética visual, enfoque cultural e a

participação efetiva de pessoas surdas em todas as etapas do processo. Tais produções não apenas promovem o acesso à literatura em Libras, mas também reafirmam os direitos linguísticos, a diversidade epistemológica e o protagonismo surdo no campo da educação e da cultura.

METODOLOGIA

Esta pesquisa, de abordagem qualitativa e de inspiração etnográfica, teve como objetivo compreender as percepções de docentes surdos sobre livros digitais produzidos em Libras, com foco nas dimensões culturais, técnicas e pedagógicas envolvidas em tais materiais. A escolha por essa abordagem se justifica pela ênfase na interpretação dos significados construídos pelos sujeitos em seus contextos socioculturais, especialmente considerando que as práticas e discursos desses profissionais estão imersos na experiência visual e linguística própria da comunidade surda (Bortoni-Ricardo, 2008; Flick, 2009).

A etnografia, mesmo em sua forma parcial, permite uma escuta aprofundada e situada das vozes surdas, reconhecendo seus modos de narrar, experienciar e avaliar produções culturais. A valorização da perspectiva nativa foi central no delineamento metodológico, tanto na seleção dos participantes quanto na condução das entrevistas em Libras, priorizando a acessibilidade plena dos interlocutores ao longo do processo.

SELEÇÃO DAS OBRAS ANALISADAS

O corpus de análise foi composto por seis narrativas digitais em Libras, produzidas em diferentes contextos institucionais e por distintas autorias, contemplando três categorias de produção comumente reconhecidas na literatura sobre literatura sinalizada:

- (a) traduções culturais do português para Libras;
- (b) adaptações culturais de obras originalmente escritas;
- (c) criações originais em Libras.

A seleção das obras seguiu critérios intencionais e reflexivos, buscando equilibrar diversidade temática, variedade de recursos visuais (como uso de classificadores, planos de câmera e expressividade corporal) e distintos graus de complexidade linguística. Foram priorizadas produções voltadas ao público infantil e infantojuvenil, de modo a permitir uma análise mais sensível à questão da adequação etária e às estratégias narrativas empregadas para esse segmento.

Os critérios de inclusão das obras foram:

- (a) qualidade técnica mínima (boa resolução de vídeo, enquadramento estável, iluminação adequada);
- (b) clareza e fluidez na sinalização;
- (c) representatividade das diferentes categorias de produção;
- (d) disponibilidade para exibição gratuita ou com autorização de uso para fins de pesquisa.

PARTICIPANTES

Participaram do estudo seis docentes surdos, com ampla experiência no ensino da disciplina de Literatura Surda e/ou atuação em cursos de Letras Libras. Os participantes foram selecionados por meio de amostragem intencional e estavam distribuídos em três regiões do estado do Rio Grande do Sul: Sul, Serra e Região Metropolitana.

A escolha considerou a busca por pluralidade institucional, diversidade de trajetórias formativas e realidades de ensino, contemplando tanto universidades quanto escolas de educação básica. Todos os docentes apresentavam fluência nativa em Libras e atuavam diretamente com práticas pedagógicas bilíngues em contextos de educação de surdos.

QUESTÕES ÉTICAS

Este estudo seguiu as diretrizes da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, voltada à ética em pesquisas nas áreas de Ciências Humanas e Sociais. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), disponível em formato bilíngue (Libras e português escrito), autorizando a gravação das entrevistas e o uso das informações para fins acadêmicos.

A confidencialidade dos participantes foi preservada por meio da anonimização dos dados, com uso de pseudônimos ou designações numéricas ao longo das transcrições e das análises. As gravações foram armazenadas em mídia segura, de acesso restrito à equipe de pesquisa, respeitando os princípios de proteção à identidade e à integridade dos colaboradores.

PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas em Libras, realizadas em encontros presenciais ou remotos, conforme a

disponibilidade e a localização de cada docente. A etapa de coleta foi composta por dois momentos:

Etapa de imersão prévia: Cada docente recebeu acesso às seis narrativas digitais com tempo livre para assisti-las integralmente, podendo revisitar os vídeos conforme desejasse. Essa etapa previa uma escuta atenta e reflexiva antes da entrevista, respeitando o ritmo individual de análise visual.

Entrevistas individuais: As entrevistas foram registradas integralmente em vídeo, com resolução HD, respeitando os princípios de enquadramento e iluminação adequados à leitura da Libras. O roteiro semiestruturado foi organizado em três eixos temáticos:

- Marcas surdas: identificação de elementos culturais e visuais característicos da comunidade surda nas obras analisadas;
- Aspectos técnicos: avaliação de enquadramento, iluminação, tempo de duração, velocidade e clareza da sinalização, uso de classificadores, uso de recursos gráficos e presença/ausência de legendas;
- Importância formativa: reflexão sobre o potencial das narrativas para ampliar o vocabulário dos estudantes, fortalecer a identidade surda e contribuir para práticas pedagógicas em contextos bilíngues.

Além das perguntas previstas no roteiro, o formato aberto da entrevista permitiu a exploração de novas categorias emergentes a partir das respostas dos participantes.

TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

Após a coleta, todo o material audiovisual foi traduzido para o português escrito por tradutores-intérpretes de Libras–Português, com revisão final feita pelo pesquisador surdo responsável, a fim de garantir a fidelidade semântica e cultural das falas originais. Essa etapa visou respeitar a natureza visual da Libras, assegurando que nuances expressivas e marcas culturais não se perdessem na transposição linguística.

As transcrições foram organizadas em um corpus textual e submetidas à análise categorial temática (Bardin, 2011), articulando as percepções docentes segundo dois eixos complementares: (a) a região de atuação dos docentes; e (b) o tipo de obra analisada (tradução, adaptação ou criação original). O processo analítico incluiu as seguintes etapas:

1. Leitura flutuante para familiarização com o material;

2. Codificação inicial das falas, com base em três categorias pré-definidas (marcas surdas, aspectos técnicos e importância formativa), além da identificação de categorias emergentes;

3. Agrupamento das unidades de registro em eixos temáticos mais amplos;

4. Interpretação dos resultados à luz do referencial teórico previamente apresentado, buscando compreender tanto convergências quanto divergências nas percepções.

A triangulação entre as categorias analíticas e os perfis dos docentes (institucional, regional e formativo) permitiu observar nuances nas formas de avaliação e nas prioridades apontadas por cada participante, enriquecendo a compreensão da recepção crítica das obras analisadas.

RESULTADOS

MARCAS SURDAS E SENTIDO CULTURAL

As/os docentes participantes ressaltaram que a eficácia das narrativas digitais em Libras está profundamente associada à presença de marcas culturais surdas. Essas marcas compreendem não apenas elementos técnicos da sinalização — como o uso criativo de classificadores e expressões faciais, mas também conteúdos e situações com os quais as crianças surdas possam se identificar.

Segundo Strobel (2009), a literatura em Libras atua como um espelho cultural, devolvendo à comunidade surda narrativas que validam sua existência e experiência social. Essa ideia se manifesta na fala da Docente 2: “Quando a história mostra situações que a gente vive, como conversar em Libras na escola ou encontrar outros surdos, a criança se vê ali. Isso faz diferença, porque ela se reconhece e quer continuar assistindo (D2, 2017).”

Além disso, os participantes destacaram a importância da representação de pessoas surdas em diferentes papéis sociais. A Docente 5 afirma: “Aparecer surdo como professor, médico, artista... isso abre a imaginação da criança. Não fica só naquela história de superação da surdez (D5, 2017).”

Essas falas reforçam o conceito de empoderamento cultural descrito por Perlin (1998), para quem a valorização da surdez como diferença (e não deficiência) é central na formação da identidade surda. As críticas à ausência de marcas culturais em produções que apenas traduzem o texto escrito de forma literal também foram significativas: “A tradução só de palavra por palavra fica sem vida. Precisa adaptar para Libras de verdade, com jeito de contar história de surdo (D4, 2017).”

Essa fala dialoga com a noção de tradução cultural de Mourão (2020), que defende que a tradução intermodal entre línguas orais e sinalizadas exige ajustes de ritmo, estrutura narrativa e referenciais culturais — indo além da equivalência vocabular.

TRADUÇÃO X ADAPTAÇÃO X CRIAÇÃO

Os dados revelam que recursos técnicos e escolhas estéticas influenciam diretamente o engajamento e a compreensão do público, especialmente infantil. Os participantes foram unânimes ao enfatizar a necessidade de:

- Velocidade de sinalização compatível com o público-alvo;
- Articulação clara e uso intencional de classificadores;
- Enquadramento fixo e com fundo neutro;
- Iluminação que valorize o espaço de sinalização.

A Docente 1 observou: “Para criança pequena, o sinal tem que ser mais claro, devagar, e o cenário não pode ter muita informação que distraia. O foco é na Libras, não na decoração atrás (D1, 2017).”

Essa fala converge com os estudos de Karnopp (2008), que alerta para a carga cognitiva excessiva provocada por estímulos visuais desnecessários durante o processamento da língua de sinais.

Outra questão técnica destacada foi a legendagem em português, cuja obrigatoriedade constante foi considerada contraproducente: “Legenda é útil para quem não entende Libras, mas não precisa aparecer sempre. Melhor ter um botão para ativar (D6, 2017).”

Mourão (2020), também alerta para a competição visual entre o canal sinalizado e o textual, e recomenda o uso de recursos ativáveis, que respeitem o protagonismo da Libras como canal prioritário.

TRADUÇÃO X ADAPTAÇÃO X CRIAÇÃO

Foi possível observar uma clara diferenciação valorativa entre os três formatos analisados: tradução, adaptação e criação original em Libras. Traduções foram vistas como ferramentas de acesso, mas com menor impacto cultural: “Traduzir dá acesso, mas às vezes falta emoção, falta o toque cultural que o surdo coloca quando cria (D2, 2017).”

Adaptações culturais foram valorizadas por permitirem maior aproximação com a realidade da criança surda: “Quando adaptamos, podemos trocar o

personagem, mudar o lugar, trazer algo que faça sentido para nossa cultura. Isso aproxima mais a criança (D4, 2017).”

Criações originais em Libras, sobretudo com autorias surdas, foram apontadas como o modelo ideal: “História criada por surdo tem mais verdade, mais jeito nosso. As expressões, o ritmo, o humor... tudo vem da nossa vivência (D5, 2017).”

Essas percepções estão em sintonia com Sutton-Spence (2021) e Ladd (2003), que defendem que a criação direta em língua de sinais preserva a intencionalidade estética e cultural das narrativas, sem as perdas inerentes à transposição entre línguas de modalidades diferentes.

CONTRIBUIÇÕES PEDAGÓGICAS

As/os docentes destacaram impactos pedagógicos significativos dos livros digitais em Libras. Tais materiais:

- Ampliam vocabulário por meio da repetição contextualizada e exposição a sinais variados;
- Reforçam autoestima e pertencimento identitário;
- Favorecem interações bilíngues entre surdos e ouvintes, especialmente em contextos familiares;
- Contribuem com o letramento visual, importante para aprendizes surdos.

A Docente 6 exemplifica: “Com o livro digital, a criança aprende sinal novo e reforça os que já conhece. E o colega ouvinte pode ver, com legenda, e entender a Libras também (D6, 2017).”

Outro ponto relevante foi a necessidade de validação pedagógica prévia: “Não é só fazer o vídeo e publicar. Precisa mostrar para professor que conhece aquela idade e ver se está claro, se é adequado (D1, 2017).”

Essa recomendação está alinhada com Mourão (2020), que aponta a importância da avaliação técnica e didática, especialmente quando o objetivo é a inserção das obras em contextos escolares.

Por fim, reforçou-se o papel dessas narrativas na formação de uma autoimagem positiva, como ilustra a fala da Docente 3: “Ver personagens surdos felizes, trabalhando, vivendo a vida... isso é poderoso para criança. Ela vê que pode ser aquilo também (D3, 2017).”

Essas observações reforçam o argumento de Reis (2006) sobre a função da literatura em Libras como recurso bilíngue que atua tanto na dimensão linguística quanto na identitária.

CONSIDERAÇÕES TRANSVERSAIS E SÍNTESE DOS ACHADOS

A análise dos resultados revelou cinco categorias-chave, que sintetizam as percepções docentes:

1. Necessidade de ajuste do nível de sinalização e de estratégias visuais para o público infantil, garantindo inteligibilidade e foco;
2. Preferência por legendas ativáveis em português, respeitando a primazia visual da Libras e evitando distrações;
3. Valorização de autorias surdas e distinção entre tradução, adaptação e criação, com ênfase na autenticidade cultural;
4. Contribuição das obras digitais para a formação identitária, expansão vocabular e inclusão escolar;
5. Importância da avaliação pedagógica especializada antes da publicação das obras.

Esses achados demonstram que a produção de literatura digital em Libras exige rigor técnico, sensibilidade cultural e protagonismo surdo em todas as etapas do processo criativo. Quando essas dimensões estão articuladas, as narrativas transcendem seu valor artístico, tornando-se ferramentas potentes de formação, inclusão e resistência cultural.

DISCUSSÕES

Os resultados desta pesquisa confirmam, refinam e ampliam concepções já estabelecidas nos Estudos Surdos e na literatura especializada sobre produção cultural em línguas de sinais, com ênfase na Literatura Surda digital. As falas das/os docentes evidenciam que os livros digitais em Libras não devem ser compreendidos apenas como recursos técnicos ou instrumentos de acessibilidade, mas como produções estético-culturais complexas, cujas camadas simbólicas e pedagógicas exigem leitura qualificada, protagonismo surdo e rigor nos processos de criação, adaptação e validação.

MARCAS CULTURAIS E ESPELHAMENTO IDENTITÁRIO

A presença de marcas culturais surdas — expressões faciais, classificadores, ritmo sinalizado, estratégias narrativas visuais e temas representativos — foi

apontada como essencial para o engajamento do público infantil surdo. Essa constatação dialoga com o conceito de espelhamento cultural (Perlin, 1998), segundo o qual a criança surda reconhece em narrativas que retratam sua experiência elementos fundamentais para a construção da autoestima e da identidade.

Tais achados também corroboram Strobel (2009), que denomina esses elementos como marcas de pertencimento, e Ladd (2003), ao discutir o protagonismo surdo como gesto político e cultural. Assim, a criação literária em Libras pode ser entendida como prática de resistência cultural e epistêmica.

TRADUÇÃO, ADAPTAÇÃO E CRIAÇÃO: HIERARQUIAS CULTURAIS PERCEBIDAS

A distinção entre tradução, adaptação e criação revelou hierarquias percebidas em termos de impacto cultural e estético. As traduções literais, centradas na equivalência com o português escrito, foram criticadas por sua baixa eficácia comunicativa e por desconsiderarem as especificidades visuais e narrativas da Libras. Esse fenômeno exemplifica a ausência de *tradução cultural*, nos termos de Mourão (2020). As adaptações, por sua vez, foram valorizadas por possibilitar ajustes contextuais mais significativos, como a alteração de personagens e cenários em sintonia com a realidade surda.

No entanto, as criações originais em Libras, especialmente aquelas de autoria surda, foram indicadas como a forma mais potente de produção, pois preservam a intencionalidade estética e cultural da narrativa. Essa valorização converge com os argumentos de Sutton-Spence (2021) e Karnopp (2008), que defendem a integridade estética das obras concebidas diretamente em língua de sinais.

TÉCNICAS E INTELIGIBILIDADE: ENTRE ESTÉTICA E ACESSIBILIDADE

As discussões técnicas revelaram um conjunto de critérios fundamentais para assegurar inteligibilidade e fruição estética. Elementos como enquadramento adequado, iluminação, contraste, fluência e ritmo da sinalização foram destacados como indispensáveis, sobretudo no caso do público infantil. Tais observações se aproximam do conceito de linguagem visual qualificada proposto por Karnopp (2008), que articula clareza comunicativa e qualidade estética. A legendagem em português foi considerada útil para ouvintes, mas contraproducente quando imposta permanentemente, pois compete com a sinalização. Assim, recomenda-se a legendagem ativável, de modo a preservar o protagonismo visual da Libras, em consonância com as reflexões de Mourão (2020) sobre acessibilidade multimodal.

DIMENSÃO PEDAGÓGICA E VALIDAÇÃO ESPECIALIZADA

As/os docentes também destacaram o valor pedagógico dos livros digitais em Libras, apontando sua contribuição para a ampliação do vocabulário, o fortalecimento identitário, a mediação com famílias ouvintes e a promoção da inclusão em contextos bilíngues. As/os docentes também destacaram o valor pedagógico dos livros digitais em Libras, apontando sua contribuição para a ampliação do vocabulário, o fortalecimento identitário, a mediação com famílias ouvintes e a promoção da inclusão em contextos bilíngues. Estudos mostram que a literatura surda desempenha papel significativo na formação identitária e cultural dos alunos, assumindo dimensões linguísticas e sociais. Além disso, práticas de literatura em Libras favorecem o letramento bilíngue, ampliando repertórios e promovendo a interação com o texto visual. Essas produções sinalizadas também se destacam como instrumentos de democratização da educação surda, fortalecendo a apropriação da Libras como primeira língua e a inclusão em espaços educacionais (Silva; Ribeiro; Campello, 2023).

Além disso, os participantes enfatizaram a necessidade de que os materiais passem por validação pedagógica prévia, envolvendo especialistas em educação infantil e em Libras. Essa etapa, muitas vezes negligenciada, é central para garantir que o conteúdo esteja adequado à faixa etária e ao nível de fluência do público-alvo. Mourão (2020) defende que a curadoria técnica é indispensável para a qualidade final de produções acessíveis, evitando o risco de superficialidade ou inadequação.

CONVERGÊNCIAS INTERNACIONAIS E TENDÊNCIAS FUTURAS

Os achados da presente pesquisa convergem com estudos realizados em outros contextos. Sutton-Spence e Kaneko (2016), ao investigarem narrativas em Língua de Sinais Britânica (BSL), observaram que clareza visual, protagonismo surdo e presença de elementos culturais próprios são fatores determinantes para a recepção positiva do público. No contexto latino-americano, Cruz-Aldrete e Sanabria Ramos (2024) evidenciam que criações originais em língua de sinais, concebidas desde a perspectiva da experiência surda, favorecem maior identificação e impacto entre crianças surdas do que simples traduções literais.

Tais convergências apontam para uma tendência global no campo da Literatura Surda digital: a de que a produção cultural em línguas de sinais deve ser concebida não como versão adaptada da oralidade escrita, mas como campo autônomo, criativo, identitário e politicamente situado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das percepções de docentes surdos sobre livros digitais em Libras evidencia que a produção literária na modalidade visual-digital, quando fundamentada em marcas culturais surdas, rigor técnico e protagonismo autoral surdo, possui elevado potencial formativo, identitário e estético. Narrativas que incorporam elementos da experiência surda, especialmente em adaptações culturais e criações originais, promovem identificação, ampliam o repertório linguístico e contribuem para a construção de uma autoimagem positiva entre estudantes surdos.

Do ponto de vista técnico, aspectos como clareza e ritmo da sinalização, uso eficaz de classificadores, composição cênica e opção por legendagem ativável foram apontados como essenciais à inteligibilidade e ao engajamento. Essas observações, alinhadas à literatura especializada e à prática pedagógica dos participantes, reafirmam que a acessibilidade não pode ser dissociada da qualidade estética e do respeito à visualidade da Libras.

A distinção entre tradução, adaptação e criação, enfatizada de forma recorrente nas falas docentes, deve ser considerada como critério central na produção e avaliação de materiais literários em Libras. A criação original emerge como forma mais potente de representação cultural, enquanto a adaptação viabiliza o diálogo entre culturas e a tradução, embora importante para o acesso, requer ajustes sensíveis para manter a vitalidade narrativa e simbólica da obra.

Do ponto de vista das políticas públicas, os achados desta pesquisa apontam para a urgência de ampliar os investimentos na produção e circulação de livros digitais em Libras, com ênfase na autoria surda e em processos participativos que garantam a validação pedagógica e a adequação linguística. Programas governamentais de fomento à leitura, educação bilíngue e acessibilidade devem incorporar essa demanda como política estruturante.

No âmbito da formação docente, recomenda-se que os cursos de Letras Libras e disciplinas de Literatura Surda incluam, como parte de sua matriz curricular, atividades de análise crítica, tradução cultural, adaptação e criação literária em Libras. Tais práticas favorecem o desenvolvimento de critérios técnicos e culturais para avaliar e produzir materiais mais alinhados às necessidades da comunidade surda e ao contexto bilíngue.

Com relação às perspectivas futuras de pesquisa, destaca-se a importância de estudar a recepção das obras por diferentes públicos, como crianças, adolescentes e famílias surdas e ouvintes, além de investigar os impactos dessas produções no desenvolvimento linguístico, no letramento visual e na formação da identidade surda. Também é promissora a exploração do uso desses materiais no ensino de Libras como L2, ampliando sua função bilíngue e inclusiva.

Conclui-se que a eficácia cultural e pedagógica dos livros digitais em Libras depende da articulação entre qualidade audiovisual, representatividade cultural e protagonismo surdo. Quando esses pilares são respeitados, a Literatura Surda digital não apenas cumpre seu papel educativo, mas consolida-se como prática de resistência, valorização da diferença e afirmação de epistemologias visuais no campo da educação e da cultura.

Para as universidades que ofertam cursos de Letras Libras e disciplinas voltadas à Literatura Surda, os resultados deste estudo oferecem subsídios concretos para repensar propostas formativas, fundamentar projetos de extensão e inspirar produções culturais que dialoguem, de modo ético e estético, com as demandas e potencialidades da comunidade surda.

Deaf teaching and digital deaf literature: technical, cultural, and educational aspects of narratives in Libras

ABSTRACT

This article examines the perceptions of Deaf teachers regarding digital books in Brazilian Sign Language (Libras), with emphasis on the cultural and technical dimensions that shape the meaning of Deaf Literature in school contexts. The study is based on interviews with six Deaf educators from three regions of Rio Grande do Sul, who viewed six digital narratives in Libras — including translations, cultural adaptations, and original creations — and commented on identity markers, age appropriateness, signing speed and clarity, use of classifiers, captioning, and pedagogical potential. The analyses indicate: (a) the need to adjust signing level and employ specific visual strategies for young children; (b) a preference for captions in Portuguese as an optional resource, avoiding visual overload; (c) the importance of Deaf authorship and the distinction between translation, adaptation, and creation in Libras; (d) the contribution of digital books to identity formation and lexical development among students; and (e) the recommendation of prior pedagogical validation to ensure adequacy and quality. The study concludes that there is an urgent need to expand the production of digital narratives that integrate Deaf protagonism, technical rigor, and positive contemporary approaches to Deaf experience, promoting a visual literature that is accessible, representative, and pedagogically effective.

KEYWORDS: Deaf Literature. Libras. Digital books. Deaf Studies. Bilingual education.

Docencia sorda y literatura sorda digital: aspectos técnicos, culturales y educativos de narrativas en libras

RESUMEN

Este artículo analiza las percepciones de docentes sordos sobre libros digitales en Lengua de Señas Brasileña (Libras), destacando las dimensiones culturales y técnicas que otorgan significado a la Literatura Sorda en el contexto escolar. La investigación se basa en entrevistas con seis docentes sordos de tres regiones de Rio Grande do Sul, quienes visualizaron seis narrativas digitales en Libras —incluyendo traducciones, adaptaciones culturales y creaciones originales— y comentaron aspectos como marcas identitarias, adecuación etaria, velocidad y claridad de la señalización, uso de clasificadores, subtítulo y potencial pedagógico. Los análisis señalan: (a) la necesidad de ajustar el nivel de señalización y emplear estrategias visuales específicas para el público infantil; (b) la preferencia por subtítulos en portugués como recurso activable, evitando la sobrecarga visual; (c) la valorización de autorías sordas y la distinción entre traducción, adaptación y creación en Libras; (d) la contribución de los libros digitales a la constitución identitaria y al desarrollo léxico del estudiantado; y (e) la recomendación de validación pedagógica previa para garantizar adecuación y calidad. Se concluye que es urgente ampliar la producción de narrativas digitales que articulen protagonismo sordo, rigor técnico y abordajes contemporáneos positivos de la experiencia sorda, promoviendo así una literatura visual accesible, representativa y pedagógicamente eficaz.

PALABRAS CLAVE: Literatura Sorda. Libras; Libros digitales. Estudios Sordos. Educación bilingüe.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- CANDAU, V. M. **Cultura, diferença e educação: a cidade como possibilidade pedagógica**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- COSCARRELLI, C. V. **Leitura, literatura e hipertextualidade**. In.: Veredas de Rosa III. Belo Horizonte: CESPUC, 2007. ISBN 85-86480-55-X
- CRUZ-ALDRETE, M.; SANABRIA R., E. **Enséñame un cuento»: Una aproximación al proceso de leer, traducir e interpretar en lengua de señas mexicana**. Káñina, San José (CR), v. 48, n. 2, p. 1–30, 2024. DOI: 10.15517/rk.v48i2.60346.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução de Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- JENKINS, H. **Cultura da convergência: onde mídia antiga e nova colidem**. Tradução de Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2009.
- KARNOPP, L. B. **Literatura surda e cultura surda: apontamentos para reflexão**. Cadernos de Tradução, Florianópolis, v. 2, n. 22, p. 65-80, 2008.
- KARNOPP, L. B.; BRANCO, B. S.; POKORSKI, J. O. **Visualidade e literatura em diálogo: bases para uma educação bilíngue de surdos**. In: MARTINS, Vanessa Regina de Oliveira; TORRES, R. C.; NICHOLS, Guilherme (orgs.). #CasaLibras – Educação de surdos, Libras e infância: ações de resistências educativas na pandemia da Covid-19. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 143-158.
- LADD, P. **Understanding Deaf Culture: In Search of Deafhood**. Clevedon: Multilingual Matters, 2003.
- MARTÍNEZ, C. **La narrativa visual en lengua de señas colombiana: experiencias y reflexiones**. Revista Signo y Seña, Bogotá, v. 8, n. 2, p. 45-60, 2019.
- MOURÃO, C. H. N. **Adaptação e tradução em Literatura Surda: a produção cultural surda em língua de sinais**. Revista Letras Libras, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 58-75, 2020.

PERLIN, G. **O lugar da cultura surda**. In: SKLIAR, Carlos (org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 79-93.

PERLIN, G. **Identidades surdas**. In: QUADROS, Ronice Müller de (org.). Estudos Surdos II. Petrópolis: Arara Azul, 2004. p. 49-76.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

RAMOS, D. C. M. P. **O corpo como corpus: lugares do ensino de literatura para estudantes surdos**. Revista Exitus, Santarém, v. 10, p. 1–27, SILVA, E. F.; ROCHA, L. R. M. Tecelagens, narrativas e inclusão na era digital: os impactos e a evolução na educação de surdos. Revista de Educação PUC-Campinas, Campinas, v. 29, e2412395, 2024.

SILVA, E. F.; RIBEIRO, V. F.; CAMPELLO, A. R. S. **Democratização da educação de surdos a partir da literatura surda: aportes dialógicos nas pesquisas brasileiras**. Revista SCIAS Língua de Sinais, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 20–34, jul.

SKLIAR, C. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

STROBEL, K. L. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009.

SUTTON-SPENCE, R. **Literatura em Libras**. São Paulo: Parábola, 2021.

SUTTON-SPENCE, R.; KANEKO, M. **Introducing Sign Language Literature: Folklore and Creativity**. London: Palgrave Macmillan, 2016.

VERA, D. **Literatura en lengua de señas chilena: experiencias en el aula**. Revista de Educación Bilingüe, Santiago, v. 5, n. 1, p. 23-40, 2018.

Recebido: 30 ago. 2025

Aprovado: 18 dez. 2025

DOI: 10.3895/rtr.v10n0.20998

Como citar: ROSA, F. S.; MARTINS, F. C.; MARTINS, A. C. Docência e literatura surda digital: aspectos técnicos, culturais e educacionais de narrativas em Libras. **R. Transmutare**, Curitiba, v. 10, e20998, p. 1-19, 2025. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rtr>>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Antonielle Cantarelli Martins

an.cantarellim@gmail.com

Direito autorial: Este artigo está licenciado sob os termos da licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

